



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de assinatura de protocolo para contratação de obras de drenagem do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)**

**Palácio do Buriti, 09 de junho de 2009**

Companheiro José Alencar, vice-presidente da República,  
Ministros Marcio Fortes, das Cidades; Geddel Vieira Lima, da Integração Nacional, Paulo Bernardo, do Planejamento; José Múcio, da Secretaria de Relações institucionais. E o nosso querido Altemir Gregolin, que acaba de ver a proposta da criação do Ministério da Pesca aprovada. Pelo menos deveria ter trazido peixe para nós, aqui.

Companheiros governadores Jaques Wagner, da Bahia; Sérgio Cabral, do Rio de Janeiro; Blairo Maggi, do Mato Grosso; Cid Gomes, do Ceará e Wellington Dias, do Piauí. Se faltar alguém aqui não é culpa minha.

Companheiros senadores Delcídio Amaral, Ideli Salvatti, João Ribeiro, Magno Malta, Romero Jucá. O Romero Jucá, líder do governo no Senado; a Ideli Salvatti, líder do governo no Congresso Nacional.

Deputados Beto Albuquerque, Carlos Zarattini, Celso Maldaner, Edinho Bez, Charles Lucena, Eliene Lima, Geraldo Resende, Henrique Fontana, líder do governo na Câmara dos Deputados, João Leão, João Pizzolatti, Jorge Boeria, João Guimarães, José Mentor, José Carlos (incompreensível), Márcio Franca, Marcos Maia, Mário Negromonte, Mendes Ribeiro, Milton Monti, Paulo Piau, Ricardo Barros, Sandro Matos, Wellington Fagundes e o deputado Zonta.

Prefeitos... Deu quorum, em votação, por favor, medida provisória número...

Eu gostaria de cumprimentar a todos os prefeitos aqui presentes. E cumprimentando o Kassab, que fez uso da palavra, e o Jandir Bellini, de Itajaí, eu cumprimento a todos os prefeitos aqui presentes. Mas estou vendo daqui o



João Henrique, da Bahia [Salvador], estou vendo o Márcio Lacerda, de Belo Horizonte, estou vendo o companheiro de Campina Grande, estou vendo o companheiro de Porto Alegre, o nosso Fogaça. Estou vendo companheiros recém-eleitos que ainda nem aprenderam a ser prefeitos, porque só têm seis meses de mandato.

Meus amigos e minhas amigas,

Bem, primeiro [queria] dizer para vocês que a nossa companheira ministra Dilma, que é uma das engenheiras e arquitetas deste programa não pôde vir aqui, porque está em casa descansando.

Segundo, deu para vocês perceberem que esse programa não tem coloração [conotação] eleitoral, não tem coloração [conotação] partidária e muito menos coloração [conotação] ideológica. O que permeou os estados e as cidades escolhidas foi nada mais, nada menos que a gravidade dos problemas que essas cidades enfrentam e os graves problemas que vive a chamada parte mais pobre da população brasileira.

Agora é importante lembrar que eu tenho seis anos e meio na Presidência e os prefeitos que têm mais mandato aqui têm quatro anos e meio, os que foram reeleitos agora, outros têm apenas seis meses de mandato. E eu queria pedir para vocês – que nós estamos entrando em um momento nervoso da vida nacional, afinal de contas, estamos em um ano pré-eleitoral – que nós não permitíssemos que o processo eleitoral criasse qualquer impossibilidade de a gente consagrar o relacionamento que nós conseguimos criar nesses anos entre os entes federados.

Certamente que muitos governadores se afastarão em massa para serem candidatos, outros serão candidatos mesmo no cargo porque a lei permite, outros serão candidatos a governador, os prefeitos vão estar muito à vontade, quem foi eleito agora não vai querer ser deputado, quem foi eleito há quatro anos e meio pode querer ser deputado. E eu estou dizendo essas



coisas para alertar vocês do seguinte: uma das coisas que muitas vezes atrapalha o bom andamento das coisas no Brasil é que nós, na maioria das vezes, colocamos pequenos problemas de ordem político-partidária, de ordem pessoal, na frente de problemas de interesse da sociedade brasileira. Muitas vezes uma briga pequena, uma coisinha de nada entre duas pessoas, uma do governo federal e uma do governo estadual, já é suficiente para que uma obra fique paralisada semanas, meses e anos, ou até que essa obra não aconteça.

Existem, muitas vezes, pessoas que exercem cargos que não querem que você faça obra na cidade tal, no estado tal, porque vai beneficiar eleitoralmente fulano ou beltrano. Vocês são testemunhas de que nesses seis anos e meio, essa tese não prevaleceu e não pode prevalecer. Porque a nossa relação é política, a nossa relação é pessoal, mas todos nós temos uma coisa superior à nossa relação, que é a relação que nós temos que ter de respeito com o povo brasileiro, que nos elegeu para ser prefeito, para ser governador, senador, deputado, vereador ou qualquer outro cargo. Essa relação entre nós, ela possibilitou nós vivermos o mais importante momento – e vou dizer sem medo de errar – o mais importante momento da história do Brasil na relação democrático-republicana entre os entes federais. Eu duvido que já tenha acontecido. Teve um momento na história do Brasil que existia uma relação de subserviência, porque o poder central podia tudo, indicava governador, indicava prefeito das capitais, e só era eleito prefeito de cidade pequena quem fosse amigo do Poder, houve um tempo que era assim. Houve um tempo em que o poder central não tinha dinheiro para fazer investimentos e estava todo mundo morrendo à míngua comendo o pão que o diabo amassou. Houve um tempo em que era preciso juntar todo o dinheiro que a República tinha para poder construir o superávit necessário para poder ganhar credibilidade das instituições de financiamento multilaterais. Então nós tivemos vários momentos na história do Brasil, e nós fazemos parte da geração – possivelmente o mais velho de todos nós aqui não seja eu, se formos olhar pelos cabelos brancos é o



Jaques Wagner, se for olhar pelo tempo que está na política talvez seja o Fogaça – ou seja, de qualquer forma, nós fazemos parte de uma geração que está tentando consertar aquilo que foi o prejuízo causado por outras gerações de governantes que passaram por este país. Não me perguntem nome, não me perguntem nome de prefeitos, nome de governadores, nome de presidentes, porque é um ciclo que envolve décadas em que os desmandos permitiram que fosse diminuindo cada vez mais o número de pessoas que morassem em lugares adequados, e fosse piorando cada vez mais o número de pessoas que passassem a morar em lugares inadequados. Essa é uma realidade que a nossa geração herdou. Eu digo a nossa geração da política, porque talvez de idade tenha gente que é mais velho do que alguns governantes. Mas o dado concreto é que nós temos que olhar o que era o Brasil urbano da década de 70 e o que é o Brasil urbano do século XXI, no ano de 2009. É verdade que houve uma mudança radical do campo para a cidade? É. Nós tivemos, praticamente, em 50 anos uma inversão, era 80 no campo e 20 na cidade, e de repente, virou 80% na cidade e 20% no campo. É verdade. Mas é verdade que se os governantes agissem de forma mais responsável no Brasil a gente não teria as pessoas morando nos lugares tão inadequados como elas moram hoje. E aí também não tem santo porque quando nós somos oposição, nós somos doidos para incentivar uma invasão. Quando nós viramos situação, nós ficamos doidos para resolver o problema e achar quem é o culpado daquela invasão. E todo mundo aqui sabe do que eu estou falando, todo mundo aqui já fez uma passeatinha, uma marcha, uma caminhada. E em nenhum momento nós fomos capazes de dizer: companheiro, nós vamos brigar para arrumar uma terra para você, mas não pode ser aqui. Aqui, você está vendo aquele rio ali, ele está vazio agora, isso aqui está bonito, mas quando ele encher ele vai alagar tudo e não tem jeito. Antigamente as casas ainda eram feitas, quando eram construídas nas várzeas, em cima de pilares. Todo mundo lembra, aquelas casas que tinham os porões altos, então quando enchia de água – eu morei em



Santos um tempo e era assim – as casas eram em cima de pilares, enchia e não entrava ainda na casa. Mas hoje as casas são feitas na terra, às vezes até abaixo do nível do rio e todo mundo sabe que vai dar enchente. E quando enche, a gente age como se fosse uma novidade para nós. Da mesma forma nas encostas dos morros, a quantidade de córregos ocupados por barracos. Se os governantes da época tivessem o mínimo de responsabilidade, se fizessem o primeiro barraco, o terceiro ou o quarto e fosse lá conversar, arrumasse o local, poderia resolver. Mas quando tem mil já virou um problema social e aí não se mexe mais. Sobretudo se as pessoas tiverem título de eleitor. A nossa geração está tentando consertar isto. Vocês pensam que eu não fico às vezes imaginando “puxa vida gastar dez bilhões, quinze bilhões, oito bilhões, cinco bilhões” para corrigir um erro que outro cara fez? Que deixou ali, de forma irresponsável, aquela área ser ocupada, que a gente poderia estar fazendo uma outra coisa nova, alguma coisa. Não! A gente faz por que quem está na beira daquele córrego são seres humanos, iguais a nós e que muitas vezes foram vítimas por estarem naquele lugar ali.

Se nós e se a nossa geração, daqui para frente... A minha geração de governante está acabando, mas a de muita gente aqui está começando. Ou seja, se essa geração futura resolver fazer uma contenção de não permitir que outras ocupações desordenadas ocupem lugares que não podem ser ocupados; se ela evitar e a gente continuar cuidando dessa que já foi jogada nesse limbo, a gente pode sonhar que daqui a vinte ou trinta anos a gente vai ter um país onde as pessoas morem de forma mais ordenada, mais planejada e a gente não seja vítima, como nós somos hoje.

Não que a gente vá evitar as intempéries, não existe. Eu já disse várias vezes e vou repetir aqui. Freud dizia que algumas coisas que o ser humano não controla, viu, Idelli, uma delas são as intempéries. Você pode cuidar porque teve um vulcão, porque teve um furacão esse ano, no ano que vem



quando ele vier, vem pior. Ele vem pior. Quem já viu enchente aqui, cada enchente é uma maior que a outra.

Eu lembro que uma vez eu morei numa vila chamada, Vila Arapoã, lá perto de São Caetano do Sul. Não sei se alguém aqui é de São Paulo aqui. Morava lá.

A primeira vez que mudei para uma casa nova, eu mudei em junho e em dezembro já tomei a primeira enchente de um metro dentro de casa. Quando a gente está limpando a casa e pensa que está tudo resolvido joga... lá em São Paulo tem um pinga chamada de Borrodunga. E a gente jogava Borrodunga no Chupança. No sanguessuga que ficava na perna da gente, um bicho desse tamanho assim! Jogava um gole de cachaça na bicha para ela cair da perna. Quando a gente acabava de limpar, vinha outra chuva.

Aí é uma pior do que a outra e no Brasil inteiro é assim. No Brasil inteiro é assim e aí entra a questão das mudanças climáticas que o companheiro Wellington, tão bem falou aqui. Se eu soubesse que ele conhecia tanto de questão climática ele tinha ganhado o Prêmio Nobel junto com Al Gore e nós teríamos um Prêmio Nobel aqui no Brasil.

Mas o que é triste... Primeiro que eu sei que todos vocês são pessoas da mais extraordinária vontade de fazer. Muitos de vocês eu conheço pessoalmente, convivo pessoalmente, e eu sei que todo mundo tem vontade de fazer, todo mundo quer fazer.

Mas nós temos um outro problema, Jucá, você que é líder no Senado, você que é líder no líder no Congresso, Ideli, você que é líder na Câmara... Nós temos um problema para resolver e não é um problema meu. Eu já estou terminando o meu mandato, eu estou um ano e meio faltando, um ano e meio. Eu estou com saudade (incompreensível). Não é um problema meu, o problema, sabem o que é gente? O problema é que nós, nesses anos todos, porque a gente não tinha dinheiro para fazer investimento, porque quem já foi governador aqui sabe que nós passamos pelo menos dez anos sem que os



governadores e os prefeitos tivessem chance de ter um investimento público federal, nem financiamento, porque o BNDES não tinha nada, o Fundo de Garantia estava em decadência e muito menos dinheiro do Orçamento Geral da União. Foram dez ou mais anos e isso acumulou problemas sérios. O Estado executor começou a falir e o Estado fiscalizador começou a crescer. Então, hoje, é um paradoxo: nós temos um Estado fiscalizador altamente bem remunerado e um Estado executor pessimamente remunerado. Agora, de quem é a culpa? A culpa é nossa. Nossa, que um dia fomos deputados, que um dia fomos senadores, que um dia fomos prefeitos, que um dia fomos governadores, nós contribuímos para que chegássemos à situação em que nós estamos.

Eu tenho agora assistido, companheiros, tenho assistido, de forma minuciosa, toda semana, às obras do PAC. Ontem passamos o dia pegando as obras habitacionais, o dia. Estado por estado, cidade por estado [cidade], porque não faz tal coisa, porque deixou de sair, mas o dinheiro está disponível a não sei quanto tempo, mas falta isso, falta... Tem sempre uma vírgula que impede de a coisa acontecer, sempre uma vírgula. E aí também não procuremos culpados, que nós também costumamos culpar sempre o que está à nossa frente. Às vezes, a culpa é de todos nós, porque nós precisamos colocar um jeito de melhorar, um jeito de fazer com que... Olhem, as obras não podem parar, vocês querem fiscalizar, vamos abrir processo, qualquer coisa. Mas eu não posso parar uma obra, porque o custo de eu paralisar uma obra durante sete meses é, quem sabe, maior do que o valor que a pessoa entendeu que a obra estava superfaturada... quem sabe é maior.

Agora, ao mesmo tempo, eu acho que tem que ter fiscalização rígida. Agora, fiscalização rígida e séria é diferente de fiscalização pura e irresponsável, por “n” coisas. Mesmo entre nós, às vezes a demora de um companheiro apresentar um projeto, gente, é uma coisa lastimável. Você tem dinheiro, tem o povo necessitado, está o lugar para consertar e, às vezes, um



projeto demora um ano para acontecer.

Eu tenho, com muita educação, pego o telefone, ligado para governador: “Companheiro, a obra está atrasada aí, o que está acontecendo?”. E, às vezes, não depende dele, às vezes depende de uma ação judicial, às vezes precisa derrubar uma liminar, às vezes... Eu não vou ficar aqui enumerando, porque todo mundo sabe o que eu estou falando aqui. E a imprensa, é bom procurar descobrir do que eu estou falando, logo, logo. Porque nós precisamos dar um jeito. Nós precisamos consertar, quem é prefeito sabe do que eu estou falando... O metrô de Salvador – pelo amor de Deus –, o metrô de Fortaleza, o metrô de Belo Horizonte... É uma coisa que... parece um metrô puxado a tartaruga, e não é por falta de dinheiro, é porque sempre aparece uma coisinha para dizer: “olha, aqui tem um erro. Para”.

Então, eu acho que nós, na hora em que o Marcio anuncia 4 bilhões e 700 milhões, para macro-drenagem, que é uma coisa extremamente importante, e já anuncia que em agosto vai ter mais 3 bilhões e “não sei das quantas”, é importante que os projetos estejam prontos, dediquem espaço e tempo para a construção dos projetos.

E eu queria pedir aos prefeitos novos: pelo amor de Deus, constituam um comitê gestor, um conselho gestor, coloquem o melhor cara que vocês tiverem só para cuidar daquilo. Porque, se ficarem nesse lengalenga de que: “Olha, eu telefonei para o presidente Lula, o presidente Lula disse que depois ia me ligar, mas ia falar com a ministra Dilma, que ia falar com o ministro Geddel, que ia falar com o ministro Marcio e que depois ia pedir conselho não sei a quem para sair”, ou seja, passa o ano e não libera. Coloquem alguém para todo dia estar cobrando, todo santo dia.

Sabem por quê? Nós precisamos combinar, nesse momento em que a gente não está preocupado em fazer superávit primário, em que a gente não está preocupado em deixar de gastar o dinheiro em boas coisas, por conta da crise mundial, aproveitem, porque, olha, eu vou contar para vocês: eu não sei





se daqui a cinco ou seis anos, daqui a dez anos, vai ter a mesma facilidade de dinheiro que tem agora. Não pensem que esse dinheiro é de graça, não, porque nessa crise agora eu poderia não estar anunciando isso. Eu poderia falar: “vamos guardar esse dinheirinho aqui e não vamos anunciar”.

Acontece que eu estou preocupado em gerar emprego. E quando eu vejo uma obra de 400 milhões, 300 milhões, 200 milhões, 30 milhões parada há oito meses, há nove meses, há um ano, imaginem como é que eu fico. Não posso falar, porque a imprensa vai escrever. Porque antes não fazia porque não tinha dinheiro, mas agora tem dinheiro.

Então, eu queria pedir a compreensão de vocês para a necessidade e para a urgência que nós temos, de fazer essas obras acontecerem. Ninguém aqui tem culpa, individualmente. É um conjunto de coisas que nós fizemos, ao longo de duas décadas, que fez com que a gente chegasse nessa situação. E quando eu falo, eu falo de divergências dentro do governo. Ontem eu tive uma reunião com vários ministros. Dentro do governo você tem problemas: um entende assim, outro entende assim, um é de fiscalização, um é de execução, um é de “não sei das quantas”. E aí fica... Em vez de sentarem à mesa, tomarem uma cerveja e resolverem, não, fica passando meses para resolverem, meses. E isso...

Olha, eu que conheço a companheira Dilma, que sei a capacidade de trabalho dela, e estou dizendo dessa dificuldade aqui, você imagina alguém que governe este país, que não tem essa preocupação, alguém que só anuncia. Porque anunciar as coisas é mais fácil. Eu cansei de ver gente anunciar: “porque vamos dar 10 bilhões não sei para quem”, chegava no final do ano, a gente ia ver e não tinha saído nada. Por conta dessas coisas todas que acontecem. E nós estamos ali em cima.

Bem, dito isso, companheiros, é um apelo. É um apelo para que vocês, que estão felizes aqui porque têm um pouquinho de dinheiro para fazer uma obra estruturante no município de vocês, é um apelo para que vocês, quando



chegarem na cidade coloquem alguém, o mais competente, o mais trabalhador que vocês tenham, para cuidar desse projeto até desvendar licença prévia, projeto executivo, projeto básico, ou seja, quando desvendar tudo, que a picareta começar a “comer fogo” lá, aí pronto, começou a obra, vai ter emprego gerado.

Eu, um dia, vou convidar alguns companheiros para verem uma sessão do PAC, que a gente se reúne. Para ver o tipo de cobrança que a gente faz. E eu ligo para os meus companheiros: gente, vamos fazer! A obra tal está precisando de fazer, está sem água na cidade. (incompreensível) está parada há três meses, quatro meses, cinco meses. Porque teve um probleminha ali, teve um problema acolá. Nós temos que consertar isso.

Outra coisa, companheiros, é que vocês viram a fala do companheiro Geddel. Esse negócio de emergência é muito complicado, porque emergência a gente nunca sabe onde vai acontecer e com quem vai acontecer, mas ela acontece. Eu duvido que tenha neste país um prefeito ou um governador que diga que em uma dessas coisas de intempéries a gente faltou com atenção, independentemente de partido. Aí também não quero saber nem se é corinthiano, não quero nem saber. Eu quero saber o seguinte: nós não podemos brincar com isso. Agora, muitas vezes também, um companheiro que fala que está com problema de emergência, não apresenta sequer um documento. Então, não tem como o ministro... o dinheiro não é do ministro, não é nosso. Nós não podemos pegar o dinheiro e dar: “morreu gente lá em São Bernardo do Campo, toma o dinheiro, Marinho”. Não tem como dar, ele tem que apresentar justificativas para que a gente possa fazer isso.

Eu sou testemunha de que esse pessoal tem trabalhado de forma extraordinária. Tem gente que fala: “Santa Catarina recebeu muito”. Recebeu porque a catástrofe em Santa Catarina, sozinha, foi maior do que a de muitos outros estados juntos.



A última coisa, companheiros, é que vocês, tanto quanto eu, leram os jornais de hoje e vocês viram que o PIB foi de 0,8% no primeiro trimestre, em relação ao último trimestre do ano passado. Eu fiquei triste porque a gente vinha em um crescimento tão extraordinário de 5%, 6%, estávamos em uma situação tão boa, não é, Paulo Bernardo? E de repente, vem uma crise causada pelos países ricos e nos traz os transtornos que essa trouxe. Mas ao mesmo tempo que eu achei que é uma coisa ruim, o dado concreto é que o PIB cresceu menos do que eu queria, ele decaiu mais do que eu queria, mas ele decaiu menos do que foi pronunciado durante os últimos três meses por especialistas. Todo mundo dizia que ia ser uma catástrofe, era 4%, era 5%, não foi. Quem é governador, quem é prefeito, quem é... sabe que há sinais enormes de recuperação da economia brasileira. Eu continuo acreditando, pelos números, que nós somos o último país a entrar na crise e que vamos ser o primeiro a sair da crise. E certamente vamos sair mais fortalecidos. Os investimentos que o governo está fazendo é um dos instrumentos de combate à crise. Imaginem vocês, o IBGE disse que o gasto do governo cresceu 2,7%. o consumo do governo cresceu 2,7%. Imaginem se o governo também tivesse entrado em crise e parado de contratar obras, parado de fazer as coisas que tinham que ser feitas.

Então, eu queria pedir a compreensão dos companheiros prefeitos e governadores, para terminar aqui, pedindo: eu não vou pedir para vocês fazerem nada que vocês cometam qualquer ato de ilegalidade ou de irresponsabilidade. Mas não tem outro jeito para a gente sair dessa crise mais rápido [do que] se a gente não fizer investimentos em obras mais rápido. E todo mundo que quiser tem duas hipóteses: primeiro, o dinheiro é do governo federal, é só apresentar as coisas para o dinheiro ser liberado (incompreensível) não tem jeito de não liberar. Esse governo (incompreensível) para poder liberar verba para os prefeitos e governadores fazerem as obras. Segundo, nós estamos sobretudo preocupados com as obras estruturantes



para as cidades. Eu confesso a vocês... o projeto Minha Casa, Minha Vida... quando é, (incompreensível), que a gente vai ter a última avaliação do projeto Minha Casa, Minha Vida? Todo mês eu quero saber como está. Nós temos dinheiro para financiamento, temos dinheiro para garantir um milhão de casas neste país. O desafio é saber se a gente vai ter competência de fazer essas casas.

No mais, companheiros e companheiras, eu queria pedir para vocês: torçam pelo Brasil amanhã, depois torçam pelo Corinthians contra o Internacional... tô vendo pouquinha gente, tô vendo pouquinho Colorado aqui neste pedaço, vi duas mãozinhas levantadas aí, o que não me abalou...

Mas eu queria, sobretudo, desejar para vocês um bom final de semana. Para quem é casado, para quem namora, um bom Dia dos Namorados, não esquecer nunca das obrigações de vocês como namorados, e as namoradas não esquecerem nunca das obrigações delas com os mortais, comuns, que somos nós do sexo fraco aqui, que tanto precisamos de apoio.

E dizer para vocês: boas obras e bom final de semana. Um abraço, queridos.

(\$211A)